

QUASE NADA

*Peça de Marcos Barbosa
marcosbarbosa@hotmail.com*

*Antônio, Sara, Vânia e César.
Sala da casa de Antônio e Sara.*

1

Um longo silêncio.

ANTÔNIO. Vai me deixar falando sozinho?

Sara o fita e fica assim, não diz nada.

Ágil, numa brincadeira, Antônio beija-lhe os lábios. Sara toma um susto e revida dando-lhe um tapa de brincadeira no rosto.

Outra vez Antônio beija-lhe os lábios. Outra vez Sara brinca, dando-lhe um tapa.

Antônio hesita um momento e dá-lhe então outro beijo e leva então outro tapa.

ANTÔNIO. Não vai parar?

SARA. Você vai parar?

Após pensar um pouco, Antônio faz que não. Sem esperar pelo beijo, Sara dá-lhe mais um tapa. Os dois riem.

Um silêncio.

SARA. Que horas?

ANTÔNIO. *(após conferir no relógio)* Quase três. Com sono?

Sara faz que sim.

ANTÔNIO. Deita comigo?

SARA. Depois.

ANTÔNIO. Você não disse que estava com sono?

Sara faz que sim.

ANTÔNIO. E por que não quer dormir?

Silêncio.

ANTÔNIO. Está com raiva de mim?

Sara faz que não.

ANTÔNIO. E o que é, então?

Sara leva os dedos aos lábios de Antônio e interrompe-lhe a fala. Indica-lhe então as coxas e Antônio deita, apoiando nelas a cabeça.
Silêncio.

SARA. Ainda está ouvindo?

ANTÔNIO. O quê?

SARA. O barulho, no ouvido.

Antônio se ergue, faz que sim.

ANTÔNIO. Pára e depois volta. É como se— É como se fosse um sino. Um sino de prata, batendo. Eu escuto um estouro e depois um zunido e aí vai ficando mais fraco, vai se afastando, se afastando, diminuindo... Até que pára, um tempo, fica normal, como se não tivesse nada. Só que de repente volta, do mesmo jeito, de novo, a mesma coisa: começa forte e depois vai diminuindo, feito um sino, mesmo, numa igreja, só que o barulho é mais claro, mais fino, não é um badalo grave, é diferente, é feito um sino pequeno, feito uma pessoa batendo com um garfo numa taça de cristal, sabe aquele barulho? Sabe uma tecla de piano, daquelas do fim: bem fino, bem agudo? Pois é isso. Mais ou menos. E aí fica voltando, voltando. Bate, diminui, diminui e depois volta. No começo eu pensei que fosse só num ouvido, nesse aqui, só desse lado. Mas não. É nos dois, ao mesmo tempo. Eu escuto um estouro aqui, bem perto, como se fosse atrás de mim, bem atrás da minha cabeça e aí vem o barulho e aí depois vai diminuindo, vai ficando só o zunido, bem longe. E aí volta.

SARA. Não melhorou nada?

Antônio faz que não.

SARA. Se amanhã, quando você acordar, não tiver parado de doer, a gente procura um médico.

ANTÔNIO. Não dói.

SARA. O quê?

ANTÔNIO. O ouvido. Não dói.

SARA. Não foi você que disse?

ANTÔNIO. Não. O ouvido, não. É só o barulho. Eu escuto um barulho. Não é dor, no ouvido. A dor é aqui, na cabeça, aqui na frente. Será que aconteceu alguma coisa?

SARA. Como assim?

ANTÔNIO. Com o ouvido, por causa do estouro.

SARA. Não. Eu estava do seu lado. O barulho que você ouviu eu também ouvi, na hora. Amanhã, quando você acordar vai ter passado.

ANTÔNIO. Será?

SARA. Vai.

Silêncio.

ANTÔNIO. Agora: parou. O barulho.

SARA. De verdade?

Antônio faz que sim.

SARA. Não disse?

ANTÔNIO. Fica o tempo todo assim: pára e aí depois volta.

Silêncio.

ANTÔNIO. Eu te amo.

Um breve silêncio e Sara ri, de repente.

ANTÔNIO. O que foi?

SARA. *(controlando-se)* Nada.

ANTÔNIO. O que foi?

SARA. Eu te amo, também.

Os dois se dão as mãos. Sara tenta deter outro acesso de riso, mas não consegue.

ANTÔNIO. O que foi?

SARA. *(controlando-se)* Nada.

ANTÔNIO. Diz.

SARA. Nada.

ANTÔNIO. Diz.

Sara quebra em riso outra vez e agora seu riso o contagia: riem os dois.

ANTÔNIO. O que foi?

SARA. *(tentando se controlar)* Você estava falando do ouvido e aí disse de repente: “Eu te amo”.

Voltam os dois a rir. Até que o riso se esvai.

ANTÔNIO. Eu te amo.

Silêncio.

SARA. E a gente faz o quê?

ANTÔNIO. Não sei. O quê?

Sara não tem resposta.

SARA. Você acha que vai acontecer alguma coisa?

ANTÔNIO. Não. *(após uma pausa)* Está com medo?

SARA. De quê?

ANTÔNIO. Medo.

SARA. Não. *(após uma pausa)* Você?

Antônio faz que não.

Silêncio.

ANTÔNIO. Mas fica uma coisa estranha.

SARA. Como assim?

ANTÔNIO. Uma coisa estranha, no peito.

SARA. A gente fez a coisa certa. Acabou.

ANTÔNIO. Mesmo assim.

SARA. *(indicando-lhe outra vez as coxas)* Anda, deita.

Antônio se deita.

SARA. Seu olho está vermelho.

ANTÔNIO. É da dor-de-cabeça.

SARA. Não quer dormir?

ANTÔNIO. Quero. Com você.

SARA. Daqui a pouco.

ANTÔNIO. Eu espero.

Silêncio.

ANTÔNIO. (*erguendo-se*) Você se preocupa demais.

SARA. Eu nem disse nada.

ANTÔNIO. E porque é que você está assim?

SARA. Cansada, já disse.

ANTÔNIO. E eu já pedi desculpa.

SARA. Eu sei.

Silêncio.

ANTÔNIO. Você não acredita.

SARA. Acredito. Claro que eu acredito. E agora, pronto. Acabou. Daqui a pouco eu vou dormir.

ANTÔNIO. Você está com raiva.

Sara faz que não.

ANTÔNIO. Está.

Silêncio.

ANTÔNIO. Viu?

SARA. O quê?

ANTÔNIO. Você está com raiva.

Silêncio.

ANTÔNIO. Deixa eu te olhar.

SARA. Para quê?

ANTÔNIO. Deixa.

Sara desvia o olhar do de Antônio.

ANTÔNIO. Deixa.

Eles se olham por um tempo, sérios e compenetrados, mas acabam rindo um da face muito séria do outro. Silêncio.

SARA. E se vierem atrás da gente?

ANTÔNIO. Não vêm. Não têm como descobrir.

SARA. Mas se vierem?

ANTÔNIO. Não vêm.

Antônio deita a cabeça nas coxas de Sara, ela afaga-lhe os cabelos.

SARA. Tem alguma coisa no seu ouvido.

ANTÔNIO. O quê?

SARA. Deixa eu ver. Fica parado.

Sara examina o ouvido de Antônio com cuidado.

SARA. Não dá para ver direito.

ANTÔNIO. Como assim?

SARA. Tem pouca luz. De manhã eu olho.

ANTÔNIO. O que é?

SARA. Não dá para ver direito.

ANTÔNIO. Tenta.

SARA. É como se fosse uma marca, uma mancha.

ANTÔNIO. Onde?

SARA. Dentro. No fundo.

ANTÔNIO. Pode ser alguma lasca que bateu e cortou, na hora do tiro. Será?

SARA. Não. Vai ver que já estava aí antes. É pequeno.

ANTÔNIO. Olha do outro lado.

Sara examina o outro ouvido.

SARA. Não. Desse lado não tem nada.

ANTÔNIO. Nada?

SARA. Nada. Normal.

ANTÔNIO. O barulho é nos dois.

SARA. Desse lado não tem nada.

ANTÔNIO. Se bem que pode ser alguma coisa só desse lado de cá e eu escuto o barulho nos dois. No começo eu achava mesmo que era só nesse.

SARA. Deixa eu olhar de novo. Não. É uma coisinha de nada. Vai ver que já estava aí. Se fosse sério a gente não estava agora conversando: estava no hospital, você não ia agüentar a dor. Você mesmo disse que não dói.

ANTÔNIO. É só um barulho. Só dói aqui na frente: dor-de-cabeça.

SARA. Pois então?

Silêncio.

ANTÔNIO. Você viu a cara dele?

SARA. Não.

ANTÔNIO. Eu vi. Foi rápido, mas eu lembro. Na hora que você gritou e eu vi aquele vulto chegando perto do carro eu não sabia dizer o que era, mas no que eu puxei o revólver e mirei eu vi. É muito rápido, mas dá para ver. É menos de um segundo, mas a gente grava. Eu acho que o tiro pegou no olho dele, nesse olho aqui. Na hora ele botou a mão no rosto, assim. Ou então foi só a queda, quando ele caiu, para trás, a mão dele pode ter vindo junto. Só que na hora pareceu que ele tinha sentido a bala entrar na cabeça dele, pelo olho e tentou cobrir o buraco com a mão. Assim. É tudo menos de um segundo, mas a gente grava. Você também viu, não viu?

Sara faz que não.

ANTÔNIO. Nada?

*Sara faz que não.
Silêncio.*

SARA. O rosto dele.

ANTÔNIO. Que é que tem?

Silêncio.

ANTÔNIO. Que é que tem?

SARA. Eu vi. Bem assim: de perto, quando ele chegou na janela. Estava machucado aqui do lado. Ferido, aqui, na bochecha, desse lado. Como se fosse um corte.

ANTÔNIO. Do tiro?

SARA. Não. De antes.

Silêncio.

SARA. Eu acho que eu senti um cheiro, o cheiro dele. Fedia.

ANTÔNIO. Deve ter sido do tiro.

SARA. Não. Era dele.

ANTÔNIO. Da roupa?

SARA. Não, não era da roupa, não. Era dele, mesmo.

Silêncio.

ANTÔNIO. Mesmo que alguém tivesse visto— ninguém viu— mas mesmo que tivesse. Foi legítima defesa.

SARA. Eu sei.

Silêncio.

SARA. Na hora eu tive medo.

ANTÔNIO. Dele?

Sara faz que sim.

SARA. Pensei que eu fosse morrer.

ANTÔNIO. Já passou.

Silêncio.

ANTÔNIO. Tem só uma coisa que eu fico pensando.

SARA. O quê?

ANTÔNIO. Pode ser que tenha algum problema.

SARA. Como assim?

ANTÔNIO. Porque era um menino, uma criança.

SARA. Não.

ANTÔNIO. Será?

SARA. Foi legítima defesa, não foi?

ANTÔNIO. Mesmo assim.

SARA. Não. Não vai acontecer nada. Não tem isso de ser criança. Foi ele que atacou a gente. A gente se defendeu.

Silêncio.

SARA. O cheiro que eu senti, eu acho que era da boca dele, do menino, lá.

Silêncio.

SARA. Que horas?

ANTÔNIO. Quase três. *(pausa)* Com sono?

Sara faz que sim.

ANTÔNIO. Vem dormir comigo?

SARA. Daqui a pouco.

2

Um longo silêncio.

ANTÔNIO. O importante é a senhora confiar na gente, se sentir confortável para falar, para explicar o que aconteceu, porque de outro jeito não dá para saber o que a gente pode fazer para ajudar a senhora, entende? A gente está aqui de coração aberto, querendo conversar, está querendo descobrir o que a senhora quer. Para lhe ser muito sincero, a gente ainda não sabe nem o que foi que a senhora viu mesmo, de verdade. Ninguém sabe. A gente está até agora sem entender.

Silêncio.

ANTÔNIO. A senhora não fala...

Silêncio.

ANTÔNIO. O que a senhora disse no telefone, eu— sinceramente— nós dois, a gente ficou sem entender. É sério.

VÂNIA. Não sei nem porque estou aqui.

SARA. Mas foi a senhora que procurou a gente, por isso ele está dizendo isso. Foi a senhora que veio procurar a gente.

Vânia faz que não.

SARA. Foi, Dona Vânia.

VÂNIA. Não procurei ninguém.

SARA. A senhora telefonou para a gente, não foi? Telefonou para a gente e contou aquela sua história. Não foi?

Vânia faz que sim.

SARA. Pois então?

ANTÔNIO. O que é que a senhora está querendo?

VÂNIA. Eu– Eu já não sei mais de nada.

ANTÔNIO. Mas devia saber.

SARA. A senhora fique calma. A gente está aqui para ajudar.

Silêncio.

SARA. A gente está querendo ajudar.

ANTÔNIO. Ajudar de alguma forma. Resolver isso. Botar um ponto final nessa história, do jeito mais fácil. Acabar com isso logo de vez, entende?

VÂNIA. Acabar?

ANTÔNIO. É.

VÂNIA. Acabar o quê, moço? Como?

ANTÔNIO. A gente está aqui para descobrir.

Silêncio.

VÂNIA. Eu vou embora.

SARA. Espere, Dona Vânia. Escute o que a gente tem para dizer–

ANTÔNIO. Deixa. Deixa. É direito dela. (*para Vânia*) Se a senhora quiser sair, a senhora pode sair, Dona Vânia, ninguém vai lhe segurar.

Vânia não vai embora.

VÂNIA. Não sei nem por que é que eu vim. Me disseram para não vir.

ANTÔNIO. Quem?

VÂNIA. Todo mundo.

ANTÔNIO. Com quem foi que a senhora conversou?

VÂNIA. Com todo mundo.

ANTÔNIO. Quem é todo mundo?

VÂNIA. Todo mundo. Me disseram para não vir.

ANTÔNIO. Mas a senhora veio.

Silêncio.

SARA. A senhora está procurando o quê? Pode dizer.

VÂNIA. Nada. Eu só queria mesmo ver a cara de vocês.

Silêncio.

SARA. Eu vou pegar uma água para a senhora.

VÂNIA. Não precisa, não.

SARA. Eu vou pegar.

Sara sai.

ANTÔNIO. (*após um tempo*) Eu não sei o que é que a senhora ficou sabendo. Pode ser que tenham lhe dito alguma mentira. Mas só o fato de a senhora estar aqui, na nossa casa, deve lhe mostrar que ninguém tem nada para esconder. O telefonema da senhora deixou minha esposa muito nervosa, muito. E a mim também. Se a senhora queria ver a gente, a gente está aqui, a senhora está vendo. Ninguém tem nada para esconder. A gente está querendo botar esta história a limpo. Tanto quanto a senhora.

Há um silêncio desconfortável até a volta de Sara, que chega, por fim, com a água.

SARA. Tome.

ANTÔNIO. Eu estava dizendo para ela que você ficou muito nervosa com o telefonema. Não é verdade?

SARA. É. É verdade.

ANTÔNIO. O que a senhora disse é uma coisa muito grave.

VÂNIA. Vão agora dizer que é mentira minha?

ANTÔNIO. Quem foi que lhe contou essa história?

VÂNIA. Não foi ninguém.

ANTÔNIO. Assim fica muito difícil conversar.

SARA. A gente está querendo ajudar, Dona Vânia, acredite.

VÂNIA. Vocês estão querendo dizer que é mentira.

SARA. Não é isso.

VÂNIA. É. É isso, sim.

Silêncio.

VÂNIA. Mas não é mentira. É a pura verdade.

SARA. Dona Vânia, o que a gente está dizendo é que a senhora pode estar enganada.

VÂNIA. Eu estou sabendo o que aconteceu: que vocês mataram o menino. Atiraram nele, lá, no sinal, não foi? É mentira, isso?

Silêncio.

VÂNIA. É mentira?

Silêncio.

ANTÔNIO. Se eu disser que não é verdade, a senhora acredita em mim?

VÂNIA. Não, porque eu sei que é.

ANTÔNIO. A senhora tem como provar alguma coisa?

VÂNIA. Tenho.

ANTÔNIO. Como?

Silêncio.

SARA. Como, Dona Vânia?

ANTÔNIO. A senhora pode estar sendo enganada. Quem foi que veio lhe dizer isso?

VÂNIA. Ninguém.

ANTÔNIO. Como assim, “ninguém”?

VÂNIA. Eu que estava lá e vi.

Silêncio.

VÂNIA. Eu vi. Não foi ninguém que me disse.

ANTÔNIO. A senhora estava onde?

VÂNIA. Lá perto, no outro quarteirão.

ANTÔNIO. De madrugada?

Vânia faz que sim.

ANTÔNIO. E lá do outro quarteirão a senhora conseguiu ver que era a gente?

Vânia faz que sim.

SARA. Dona Vânia-

VÂNIA. Eu vi. Vocês sabem que não é mentira. Vocês sabem. Mataram o menino. Balearam o menino, mataram.

Silêncio.

ANTÔNIO. A senhora estava só?

VÂNIA. Tinha mais gente comigo.

ANTÔNIO. Quem?

Silêncio.

ANTÔNIO. Quem, Dona Vânia?

VÂNIA. Tinha um pessoal, lá.

ANTÔNIO. E como foi que a senhora encontrou a gente?

VÂNIA. Dei meu jeito. E eu não vim aqui para ficar respondendo vocês.

ANTÔNIO. E o que foi que a senhora veio fazer aqui?

VÂNIA. Ver a cara de vocês.

Silêncio.

ANTÔNIO. Dona Vânia, vamos dizer que seja verdade, que a senhora viu o que disse que viu.

VÂNIA. Eu vi.

ANTÔNIO. Tudo bem. Mas entenda primeiro uma coisa: a senhora está dizendo que a gente matou uma pessoa, uma criança.

VÂNIA. Eu quero ir embora.

ANTÔNIO. Espere, Dona Vânia, se a senhora já está aqui, vamos conversar. A porta está aberta, a senhora sai à hora que quiser. Mas vamos conversar, antes. Me diga uma coisa. A senhora sabe quem a gente é, a gente não sabe quem é a senhora. Me diga uma coisa: o resto da história, é verdade? Me desculpe perguntar assim, mas entenda, a gente não conhece a senhora. O resto da história é verdade?

VÂNIA. Que resto?

ANTÔNIO. Como é que a gente vai saber que é verdade o que a senhora disse?

VÂNIA. O quê?

SARA. Que a senhora é mãe dele.

VÂNIA. A moça está duvidando?

Silêncio.

SARA. A gente precisa saber.

VÂNIA. Vocês ainda lembram o nome dele?

SARA. A gente nunca soube.

VÂNIA. Saiu ontem no jornal.

SARA. Só as iniciais. Não o nome.

VÂNIA. E vocês lembram?

Antônio faz que sim.

VÂNIA. Está aqui a certidão de nascimento dele. Eu trouxe.

Antônio examina com muito cuidado o documento.

VÂNIA. E uma foto.

Sara toma a foto, examina: reconhece o garoto.

SARA. O que era essa cicatriz no rosto dele?

VÂNIA. Para que é que a senhora precisa saber?

Vânia recolhe o documento e a foto.

VÂNIA. Estão duvidando ainda?

Silêncio.

VÂNIA. Era meu filho.

Silêncio.

ANTÔNIO. Dona Vânia, a senhora me desculpe.

VÂNIA. Desculpar como? Como é que se desculpa um negócio desse? Eu vim aqui para ver a cara de vocês. Eu queria ver a cara de vocês. Não peça desculpa a mim. Peça desculpa a Deus. Deus é maior do que eu. Eu queria muito ver a cara de vocês.

Silêncio.

ANTÔNIO. O que é que a senhora vai fazer agora?

VÂNIA. Não sei. *(pausa)* Aliás, sei. Vou atrás de conseguir a justiça que eu puder. Vou atrás disso. Porque— Porque—

SARA. Tome um pouco d'água.

Longo silêncio. Vânia não toma água.

VÂNIA. Eu vou embora.

ANTÔNIO. Não, Dona Vânia: fique. A senhora está nervosa.

VÂNIA. E o senhor queria que eu estivesse como?

ANTÔNIO. A senhora vai denunciar a gente é isso?

Silêncio.

ANTÔNIO. Dona Vânia, numa hora dessas eu fico sem saber o que dizer.

VÂNIA. Acho que ninguém precisa dizer mais nada.

Silêncio. Vânia se prepara para ir embora.

ANTÔNIO. Dona Vânia.

Vânia pára e se volta.

ANTÔNIO. Sente só mais um minuto.

VÂNIA. Para quê?

ANTÔNIO. Por favor.

Vânia hesita.

ANTÔNIO. Por favor.

Vânia torna a se sentar. Silêncio.

VÂNIA. Diga.

ANTÔNIO. Espere aqui, eu volto já.

Antônio sai e, enquanto não volta, Sara e Vânia compartilham o desconforto do silêncio. Por fim, Antônio volta, traz consigo caneta e um bloco de anotações.

Antônio senta, abre o bloco, reflete alguns instantes e faz uma anotação. Arranca do bloco a folha e mostra-a a Vânia.

VÂNIA. Isso aqui é o quê, moço?

ANTÔNIO. Acho que a senhora sabe.

Vânia faz que não.

ANTÔNIO. Sabe, Dona Vânia.

Silêncio.

ANTÔNIO. A gente lhe dá essa quantia. A gente lhe dá essa quantia e a senhora esquece o que houve.

Silêncio.

ANTÔNIO. É o que a gente pode fazer.

VÂNIA. O menino que vocês mataram era meu filho, moço.

Silêncio.

ANTÔNIO. É o que a gente pode fazer pela senhora.

VÂNIA. Vocês têm filho?

Sara faz que não. Silêncio.

ANTÔNIO. É o que a gente pode fazer. Se a senhora denunciar a gente, a senhora sabe. A gente vai arranjar advogado, vai dar um jeito.

Silêncio.

ANTÔNIO. A senhora pensa que sabe de tudo, mas não sabe. Quando seu filho chegou na janela do carro, ele estava com uma faca.

VÂNIA. Não. Não tinha faca. E a polícia sabe. Não tinha faca nenhuma com ele. A polícia estava lá e viu. Não tinha faca nenhuma.

ANTÔNIO. Dona Vânia, o que é que a senhora ganha denunciando a gente? A senhora sabe como é que são as coisas, não sabe? Pois então? Pegue esse dinheiro e fica todo mundo em paz. A gente sente muito o que aconteceu, sente muito pelo seu filho.

Silêncio.

VÂNIA. Você sabe quantos anos ele tinha? Meu filho, que vocês mataram?

Silêncio.

ANTÔNIO. O que a gente pode lhe dar é isso, Dona Vânia. A senhora me acompanha agora até o banco. Eu tiro esse dinheiro, entrego na sua mão. Ninguém fala mais nisso. A senhora não me conhece, eu não conheço a senhora. Nossa vida segue. A senhora aceita?

Silêncio.

ANTÔNIO. A senhora aceita?

Após um longo silêncio, Vânia faz que sim, e há então outro longo silêncio.

ANTÔNIO. (*conferindo a hora no relógio*) Ainda dá tempo de pegar o banco aberto. A senhora vem comigo. A gente resolve isso agora.

Antônio e Vânia levantam-se, preparam-se para sair.

SARA. Dona Vânia—

Vânia pára, da porta, e se volta. Silêncio.

VÂNIA. Diga, moça.

SARA. Quantos anos ele tinha?

Silêncio. Vânia não responde, sai. Acompanhando-a, sai Antônio.

CÉSAR. Eu queria pedir desculpa pelo meu atraso.

ANTÔNIO. Tudo bem.

CÉSAR. Quando eu marco uma hora eu gosto de cumprir. Eu acho importante.

ANTÔNIO. Não precisa se preocupar, a gente entende.

CÉSAR. Vocês conversaram com o Josias, que é um grande amigo, alguém que eu confio, ele deve ter explicado que esse é meu jeito de trabalhar: eu gosto de ir na casa da pessoa e ver com quem eu estou lidando, porque o senhor sabe, está ficando cada vez mais difícil poder confiar em alguém.

ANTÔNIO. Eu sei.

CÉSAR. A senhora sabe, também.

Sara concorda.

CÉSAR. Mas não se preocupem, que eu não sou de ficar perguntando muita coisa. Isso aqui é negócio, é trabalho, mesmo, não é conversa. É trabalho.

Silêncio.

CÉSAR. Não é?

Os dois concordam.

CÉSAR. Eu soube da história de vocês e de lá para cá já fiz muita coisa, já levantei informação, já fui adiantando. Mas o que eu preciso saber agora é o que vocês querem, de fato.

ANTÔNIO. O senhor sabe do que trata a situação, não sabe?

CÉSAR. Josias me contou.

ANTÔNIO. O senhor já sabe de tudo.

CÉSAR. “Tudo” ninguém sabe. Eu sei o bastante, o suficiente. O senhor fique despreocupado que não vai precisar me dar nenhuma informação a mais. Quanto a isso ninguém precisa dizer mais uma palavra. Só o que eu preciso saber é o que o senhor e a senhora vão querer de mim.

ANTÔNIO. Como assim?

CÉSAR. Vocês me procuraram, para alguma coisa deve ter sido, agora eu preciso saber o que é, da boca de vocês.

ANTÔNIO. A gente está se sentindo meio na mão dessa senhora.

CÉSAR. E aí?

ANTÔNIO. E aí que a gente precisa saber se existe algum perigo, se a gente está em alguma situação de risco.

CÉSAR. Sei.

SARA. O senhor tem como descobrir isso?

CÉSAR. É meu trabalho.

ANTÔNIO. Pois é isso, então.

CÉSAR. Só isso?

ANTÔNIO. Só.

CÉSAR. Mais nada?

ANTÔNIO. Não.

Silêncio.

CÉSAR. Muito bem.

ANTÔNIO. O senhor dá uma resposta à gente quando?

CÉSAR. Acho que agora mesmo.

SARA. Agora?

CÉSAR. É.

Silêncio.

SARA. Como assim?

CÉSAR. Por esses dias, eu tive tempo, então quando eu soube que vocês estavam precisando de ajuda eu fui logo adiantando o trabalho.

SARA. Adiantando como?

CÉSAR. Fazendo o que eu sempre faço: Dei meu jeito de me aproximar, sondei... Fiz o que eu sempre faço.

ANTÔNIO. O que foi que o senhor descobriu?

CÉSAR. Primeiro o senhor me confirme uma coisa: é essa pessoa aqui?

Antônio confere uma foto que César lhe mostra e faz que sim.

CÉSAR. Estou lhe mostrando para o doutor não pensar que eu estou de brincadeira. Isso aqui é meu trabalho, eu levo a sério.

ANTÔNIO. E o que o senhor acha, então?

CÉSAR. Acho que o perigo é pouco.

ANTÔNIO. Pouco como?

CÉSAR. Muito pouco.

ANTÔNIO. E o senhor diz isso baseado em quê?

CÉSAR. No que eu já descobri. O medo de vocês é que ela gaste esse dinheiro que vocês deram e depois vá denunciar assim mesmo a morte do menino, do filho dela, não é isso? Ou então que fique voltando para pedir mais, não é?

Silêncio.

CÉSAR. É isso, não é? Se não for, vocês me digam.

ANTÔNIO. É isso, sim.

CÉSAR. Pois então: Eu fui lá e me informei acerca dessa mulher, dessa Vânia. Não falei com ela, em pessoa, mas isso é assim mesmo, o mais certo é se conseguir um caminho por fora, de longe.

ANTÔNIO. E o que foi que o senhor descobriu?

CÉSAR. Ela certamente não vai mais encher o saco de vocês, doutor. O menino era filho dela mesmo, um desses que ficam aí pela rua e ela também. Ela ameaçou vocês?

Silêncio.

CÉSAR. Mas não era filho único, não, tem mais. Era o do meio, o Ismael.

SARA. Ismael.

CÉSAR. É, o nome dele. Bonito, não é?

Silêncio.

CÉSAR. E fica tudo assim, mas eles têm casa, não é gente que mora sempre na rua. Não estão tão mal, mas é gente largada. Ela já começou a fazer muita coisa com o dinheiro, a tal da Vânia. Ela está até bem, com esse dinheiro, se o senhor tivesse dado menos ela aceitava, já deve ter vindo aqui mesmo para conseguir o dinheiro, não tem essa coisa de mãe desesperada por causa do filho. E ela deve estar correndo as léguas de se meter em processo, essas coisas, tem muito rabo preso, se vocês não tivessem dado

nada, se tivessem só mesmo falado comigo antes, a gente dava um jeito de dar uma prensa nela. Coisa pouca, esse povo tem medo.

ANTÔNIO. Então ninguém tem do que se preocupar.

CÉSAR. O perigo é muito pouco, doutor. Claro que sempre existe, ninguém nunca sabe cem por cento, mas a história desse menino, para ela, não é nada. Do jeito que tinha aquele de dez, tem um de doze, uma de dezesseis – que eu acho, que é pior que a mãe – e tem mais um pequeno e outro que eu não sei dizer se é mesmo filho dela ou se é só amigo do pequeno, mas estava lá, também.

Longo silêncio.

ANTÔNIO. Acho que é isso, então.

CÉSAR. Tarefa cumprida?

Antônio faz que sim.

CÉSAR. Satisfeito?

Antônio faz que sim.

CÉSAR. Mais nada?

ANTÔNIO. Acho que não.

CÉSAR. Então, eu vou embora. O pagamento pelo serviço a gente já acertou como é que faz, vocês já sabem.

ANTÔNIO. Me diga uma coisa.

CÉSAR. O quê?

ANTÔNIO. E se tiver algum problema, a gente fala de novo com o senhor?

CÉSAR. Pode falar.

ANTÔNIO. É que não foi fácil encontrar o senhor.

CÉSAR. É. Às vezes não é mesmo fácil. Mas nesse trabalho é assim. E, doutor, se eu puder lhe dizer uma coisa– Não é querendo dar conselho, que eu já estou escolado demais para isso, mas se eu puder lhe dizer uma coisa– Posso?

Antônio faz que sim.

CÉSAR. Olha, tem muita gente aí fazendo esse serviço que eu faço, que é gente picareta, é gente que o senhor não vai querer se meter, o senhor fique atento. Eu estou aqui, na sua casa, porque esse é meu jeito de trabalhar, eu tenho que saber com quem estou lidando, porque de um jeito ou de outro eu estou na sua mão, mas o senhor

também está na minha, é na confiança que eu gosto de trabalhar. E eu digo isso, assim, porque eu já vi muita coisa, o senhor imagina. Mas meu trabalho é sério. Se o senhor precisar de mim e for difícil me encontrar, o senhor espere, dê um jeito, que uma hora eu apareço, é mais dia, menos dia.

Silêncio.

CÉSAR. Se bem que a vida é de vocês, o doutor faz o que achar melhor.

ANTÔNIO. Não. Tudo bem. Eu entendo. A gente vai procurar o senhor.

SARA. Desculpe, qual é o nome do senhor?

Silêncio.

CÉSAR. A senhora me chame de César.

SARA. Seu César, só para ficar muito claro: o que é que pode acontecer, ainda?

CÉSAR. É como eu disse para a senhora, o perigo é mínimo. Claro que sempre tem algum. Depois dá a doida nessa Vânia e ela pode até fazer alguma besteira, mas é coisa que se contorna, coisa que a gente acerta, a não ser que seja uma hora dessas que eu estou longe, aí pode ter algum problema porque essas coisas dependem muito da rapidez que a gente tem. Vocês viram que antes mesmo de conversar a primeira vez com vocês eu já fui trabalhando, já fui fazendo alguma coisa. Rapidez é importante.

SARA. E se isso acontecer?

CÉSAR. Ah, aí é o “se”, ninguém sabe.

Silêncio.

CÉSAR. Mas eu acho que, para o que vocês estão precisando, já está resolvido.

Silêncio.

CÉSAR. A não ser, assim, não sei se é o caso, mas eu falo porque é assim mesmo, a não ser que a senhora esteja dizendo, esteja me perguntando se não era melhor queimar logo essa Vânia.

Silêncio.

CÉSAR. Aí, eu, sinceramente, ia lhe dizer que é o melhor, mesmo, mas aí é uma escolha de vocês, é um outro trabalho.

Silêncio.

CÉSAR. Eu faço.

Longo silêncio.

SARA. Eu vou deixar vocês conversando, depois eu volto.

CÉSAR. Eu achava melhor a senhora ficar, para a gente ter uma conversa só. Eu acho que a opinião da senhora é importante.

Sara desiste de sair.

CÉSAR. É a única segurança cem por cento. É o que vocês querem?

Silêncio.

CÉSAR. É difícil falar, né? Vamos fazer assim, que eu já estou acostumado com isso: se vocês quiserem que eu dê um jeito nela, vocês não precisam dizer nada. Eu pergunto e se vocês não disserem nada é porque a resposta é sim. Querem que apague ela?

Silêncio extremamente longo.

CÉSAR. Tudo bem.

César ri.

CÉSAR. Combinado.

SARA. Por que foi que o senhor riu?

CÉSAR. Por nada. A senhora fique tranqüila, vocês não precisam ter medo de nada.

César ri.

4

Antônio e Sara, íntimos, em silêncio por algum tempo.

ANTÔNIO. Foi mais bonito que ano passado, não foi? Ali, no jardim, do lado de fora. Eu achei bonito. Todo mundo em volta, ali, no jardim. Eu achei bonito, diferente. E foi boa a idéia de fazer tudo no jardim, porque fica mais tranqüilo, não é? Mais aberto. Melhor. Eu gostei. É a primeira vez que eles fazem no jardim. Primeira vez. Antes faziam na entrada do Hall, lembra? Foi a primeira vez do lado de fora. Dentro era bom, também. Eles tiram tudo: aquelas cadeiras da entrada, o birô da recepção. Tiram tudo. Aí fica um salão bem amplo, espaçoso. Bem grande. Mas no jardim é melhor, porque no Hall, mesmo sendo espaçoso, não é a mesma coisa, é diferente. Do lado de fora fica mais— mais— mais solto, mais— Eu gostei. E é bonito, o jardim. Tudo muito bem cuidado, muito bonito.

Silêncio.

ANTÔNIO. *(pensando tê-la ouvido dizer-lhe algo)* Disse alguma coisa?

*Sara faz que não.
Silêncio.*

ANTÔNIO. Cansada?

Sara faz que sim.

ANTÔNIO. Eu também.

Silêncio.

ANTÔNIO. O meu discurso, o que eu estava escrevendo, eles falaram comigo antes e pediram para eu não fazer porque queriam que a cerimônia fosse rápida, por isso que eu só fiz agradecer, mesmo: “Muito obrigado”, só.

SARA. Me abraça.

*Sara o abraça.
Ficam um tempo assim, os dois, abraçados.*

SARA. Que horas?

ANTÔNIO. Quase três.

SARA. Daqui a pouco amanhece.

ANTÔNIO. Quer tomar café da manhã fora, para comemorar o prêmio?

Sara faz que sim.

SARA. Onde?

ANTÔNIO. Você escolhe. É meu presente para você.

SARA. Então é melhor a gente ir dormir logo.

ANTÔNIO. É, melhor a gente ir dormir.

Longo, longo silêncio.

Cai o pano.

Com inúmeras interrupções, abandonos e recomeços,
entre março de 2001 e novembro de 2002
nas cidades de Fortaleza e Salvador.